

PESQUISA HISTORIOGRÁFICA DESAFIOS E CAMINHOS

Daniela Nunes*
Mestranda do departamento de
História da Universidade de Brasília.
E-mail: eladearaujo@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo se propõe discutir a prática historiográfica contemporânea, seus desafios e propostas, bem como elucidar algumas questões acerca da pesquisa histórica, seus trajetos e possibilidades.

Palavras-Chave: Nova História, Historiografia, Contemporaneidade, Prática e Pesquisa.

ABSTRACT

The article aims to discuss the practice of historiography contemporary challenges and their proposals, and elucidated some questions about historical research, their paths and possibilities.

Keywords: New History, Historiography, Contemporary, Practice and Research.

O presente artigo é fruto de nossas investigações acadêmicas e marcam o curso de escrita e produção científica, realizados durante a graduação, concluída em 2008 na Universidade Estadual de Goiás, e no mestrado em História, na Universidade de Brasília. Os embates e encontros, assim como os trajetos percorridos, tornaram-se possíveis em decorrência de nossa atuação no âmbito da historiografia contemporânea, que passou a revisitar temas antes desprivilegiados pela oficialidade, e abordar questões que

*Historiadora formada pela Universidade Estadual de Goiás no ano de 2008 e mestranda do departamento de História da Universidade de Brasília. Este artigo é parte integrante da minha pesquisa de pós-graduação, e das decorrentes discussões e debates ofertados pelo programa. Pesquisa esta realizada com o apoio da CAPES.

se direcionam a atores e cenários outros. Com isso, nosso campo de estudos ganha, a passos largos, cada vez mais credibilidade e espaço de discussão.

A construção historiográfica é feita sempre em diálogo com as incertezas, dúvidas e lapsos, que serão preenchidos pelo pesquisador por meio do acesso às fontes e também da sua criatividade e imaginação. O confronto com o documento é mediado pelo *tempo*, objeto central para o estudo do homem e das sociedades; assim, as pesquisas científicas quando se apresentam ao público leitor revelam-se como obras prontas, sem lacunas ou silêncios e escondem no discurso todas as fraquezas e dificuldades que levaram à realização da investigação. O sujeito por trás da sua elaboração torna-se oculto, independente da sua linha de estudos e dos seus recortes temáticos, espaciais e temporais.

Logo, na sua confecção são adotados procedimentos que, em certa medida, demonstram os obstáculos enfrentados pelo pesquisador ao longo do desenvolvimento de seu labor, mas que muitas vezes não aparecem explícitas ao final do texto por ele redigido. Destarte, como coloca o filósofo, teólogo e historiador Michel De Certeau, “a escrita não é simplesmente o reverso da pesquisa, é sim, um momento específico da historiografia, responsável por uma prática social” (AGRA, 2010, p. 09.).

Uma proposta inicial pode ser facilmente alterada ao longo de sua execução. Um fator que corrobora eficazmente para esta transformação constante da escrita é o problema da aceitação do trabalho pelos pares, o local de fala, a discussão com a academia e o entendimento com outros autores. É nessa relação entre a prática e o texto que o historiador se filia, mediado pelas técnicas, métodos e topografias de interesse. Um trabalho que se realiza por meio de uma série de enquadramentos e referências, recusando e aceitando diálogos, conexões e cruzamentos, recortando a experiência e estabelecendo um jogo de pertencimentos e afastamentos.

A narrativa para De Certeau apresenta-se como uma interpretação, uma adaptação criativa do pesquisador utilizando-se do suporte teórico-metodológico fornecido pelo ambiente e suas relações.

Toda pesquisa histórica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural... Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 2008, p. 66.)

Um texto só existe se houver leitores para lhes atribuírem sentidos e novas interpretações, logo, os receptores criam quadros múltiplos de explicação a partir de seus lugares e experiências, mas também subvertem e, não se sujeitam passivamente às intenções do autor. Assim como um texto se modifica a cada nova abordagem, também se torna diferenciado ao ser disseminado através de variados fluxos e suportes.

Pois como nos lembrou Michel de Certeau, numa passagem do livro *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*,

Longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos lavradores de antanho – mas, sobre o solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas -, os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam, furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram, arrebatam os bens do Egito para com eles se regalar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar, e multiplica a sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é a repetição do paraíso. (CERTEAU, 2008, p. 66.)

O leitor insere-se, a cada novo olhar, numa realidade distinta, sofrendo condicionamentos variados, originários de sua inserção sociocultural. Na sua leitura, inscrevem-se as marcas de seu tempo, de sua cultura e de suas preferências. É por essa mesma prática que podemos romper as grades de nosso tempo histórico e dialogar com homens de séculos distantes. Reside aí uma das maiores fontes de liberdade do ser humano: a possibilidade de viajar por temporalidades e espacialidades distintas, na cultura e na ciência, nas fantasias e nos medos de homens e mulheres que nos precederam nessa longa cadeia de discursos que constitui a História.

Cada documento se vale de uma rede de significados que contribuíram para sua elaboração, assim, possui uma intencionalidade, nenhum discurso é destituído de valor, são inscritos com base em um universo imagético que se fará presente em sua confecção e que serão interpretados pelo historiador. As representações desse tempo passado

serão resgatadas na escrita, que se valerá das marcas temporais presentes na fonte, em qualquer que seja seu suporte, a fim de conferir inteligibilidade e credibilidade à narrativa. Uma escolha que necessariamente significa uma recusa, uma renúncia a uma infinidade outras de possibilidades.

...em toda obra escrita há uma obra ausente. Isto quer dizer que selecionar fontes e modos de narrar pressupõe a opção de excluir do contexto outras fontes e modos de narrar. Em termos historiográficos, isto indica que a cada interpretação uma miríade de outras possíveis formas de apreensão do objeto são deixadas de lado e, ainda, que novos sentidos sempre poderão emergir de outras investidas. (KUYUMJIAN, 2008, p. 02.)

O discurso historiográfico surge a partir das escolhas do pesquisador, das suas experiências e preferências; da sua sensibilidade ao enxergar as pistas deixadas pelas pegadas dos homens no tempo, ao observar fatos aparentemente insignificantes inseridos na realidade complexa, mas nem sempre perceptível em um primeiro momento.

O historiador Robert Darnton é quem nos orienta a respeito da possibilidade de leitura das práticas sociais, “porque se pode ler um ritual ou uma cidade, da mesma maneira como se pode ler um conto popular ou um texto filosófico” (DARNTON, 1986, p. 04.), advertindo o autor para a busca dos significados que surgem a cada novo olhar sobre o objeto. Significado que se altera em decorrência das experiências vivenciadas pelo pesquisador e igualmente pelo leitor.

Nesse exercício de decifração das práticas sociais o importante é intuir as tensões existentes entre as estratégias discursivas e as técnicas de apropriação, assim, o desafio fundamental para o historiador é perceber a relação que se estabelece entre os textos disponíveis e as práticas originadas.

Como coloca Darnton, a História Cultural “se interessa pela forma como as pessoas pensam, como interpretam o mundo, conferem-lhe significado e lhe infundem emoção” (DARNTON, 1986, p. 04.) Dessa forma, a pretensão do historiador é construir uma relação de verossimilhança com a realidade, de buscar pela veracidade dos fatos e assim, conferir inteligibilidade à escrita, que se desenha no rastro dessas emoções, nos discursos proferidos pelos diversos narradores.

Paul Veyne em seu ensaio *Como se escreve a História*, reafirmou a propensão da história à narrativa e à literatura, sugerindo que o historiador, no seu ofício, agiria como o literato, tomado pela trama e pelo enredo urdido subjetivamente.

Dessa forma, conforme a exposição de Veyne, o historiador deve se apropriar da noção de intriga, elaborada pela ficção, recurso que possibilitará uma compreensão mais abrangente do acontecimento. É o narrador, através de sua intriga, que faz emergir do esquecimento a matéria desordenada de possíveis acontecimentos, atribuindo sentido aos fatos.

Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco científica de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos tem seus laços subjetivos e sua importância relativa. (VEYNE, 2008, p. 26)

O historiador não cria personagens, nem fatos, mas os descobre em suas fontes, faz ressurgir do esquecimento grandes homens e seus feitos, muitas vezes representados por um sujeito que passaria despercebido, mas que adquire vulto em sua escrita. Nesse exercício de decifração do passado, o historiador também utiliza de liberdade em seu labor. Subjetividade na escolha do objeto, do recorte, na seleção das fontes, na forma como irá compor sua narrativa e dos recursos que serão utilizados. O objetivo é convencer o leitor, um trabalho que terá um público específico, seja ele qual for, estabelecendo-se, pois, um pacto de lealdade entre ambos.

Nesse exercício de tentativa de reconstrução do real, não apenas o trajeto imaginário, mas igualmente a forma escrita contribui decisivamente para a finalização do trabalho inicialmente proposto. É nesse jogo de inscrever e apagar, que os recursos estilísticos tornam-se valorosos. É preciso conhecer o público alvo e direcionar a ele o objeto maior de nossas investidas.

Para além de uma tradição que privilegia a grafia em detrimento de outros indícios acerca do passado, a historiografia contemporânea tende a reconhecer que a própria noção de fonte alargou-se consideravelmente nos últimos anos, tornando-se ilimitada frente à imaginação e criatividade daquele que se propõe a desvelar algum

caminho e que assume proporções bastante significativas, seja no tratamento com os documentos escritos, de imagens ou no relato oral.

O discurso histórico, na atualidade, caminha por diferentes vertentes que, em alguns recortes, se cruzam, se imbricam, se completam ou se excluem. A esse novo arranjo teórico-metodológico tornado debate com a *Nova História Cultural*, não apenas o conceito de cultura concentrou-se como cerne da discussão, como houve uma releitura, no modo como os pesquisadores se propunham a inquirir os eventos e suas reverberações.

Trata-se, portanto, de um posicionamento investigativo alicerçado às preocupações de “identificar os modos como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social e construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). A partir desses esquemas intelectuais a realidade cria contornos e formas e assim, torna-se inteligível ao pesquisador; uma tarefa que se faz em relação de complementaridade de diversos campos do saber; um caminho disciplinar estabelecido a partir das pontes e conexões que se estabelecem com distintos referenciais e assim, se deixa guiar pelo convite revelado à interdisciplinaridade.

Com o declínio dos grandes paradigmas explicativos, a reboque de uma objetividade e racionalidade das ciências humanas, a preocupação presente se dá pela interpretação do fenômeno social por meio de suas representações. Uma tendência de análise, que compreende a importância dos sistemas simbólicos de ideias e imagens coletivas, como forma de captar a pluralidade dos sentidos e resgatar a construção dos significados.

Os objetos de estudo da *Nova História Cultural* tornaram-se inúmeros e difíceis de precisar, mas incluem desde a representação que os homens produziram de si, da sociedade em que vivem e do mundo que os cerca, e igualmente as condições de produção e circulação desses objetos.

De igual maneira, uma nova História Cultural interessar-se-á pelos *sujeitos* produtores e receptores de cultura – o que abarca tanto a função social dos “intelectuais” de todos os tipos (no sentido amplo, conforme veremos adiante), até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada “indústria cultural” (esta que, aliás, também pode ser relacionada

como uma agência produtora e difusora de cultura). (BARROS, 2009, p. 125-142)

Destarte, não mais apenas a razão, mas o historiador tem hoje a liberdade de agregar um sua escrita posicionamentos particulares, subjetivamente selecionados em meio a um universo vasto de possibilidades. Muito mais do que simplesmente fazer uso desses recursos, existe a liberdade em se admitir o seu envolvimento com o objeto, sem a pretensa objetividade de uma historiografia já há muito ultrapassada. Esse novo fazer se desenha no rastro das *sensibilidades*, na investigação dos modos como os homens do passado enxergavam o mundo, se inseriam no social, como sentiam, pensavam e se representavam, enfim, trata-se de permitir uma investigação científica que se guia, igualmente, pelas emoções.

Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais. Emoções responsáveis por instituir valores, criar laços identitários e consolidar práticas que se desenvolverão no espaço do cotidiano e que deixarão vestígios materiais que serão resgatados e reapropriados pelo discurso de uma escrita. Assim, caberá ao pesquisador fazer inteligível essas sensações, o que exigirá, também, sensibilidade ao compor e recompor sua narrativa, ao ordenar esses vestígios e fazer falar o documento que, nesse novo cenário acadêmico, assume as mais variadas formas.

Toda fonte, seja ela escrita ou não, representa a opinião de um indivíduo que narra os fatos. Mesmo um documento dito oficial, existe a partir da contribuição de um sujeito responsável pela organização dos eventos narrados e que por mais objetivo que pretenda ser em seu ofício, não se furta de transmitir suas impressões pessoais, de se posicionar isento de emoção e de uma perspectiva particular de observação do mundo.

Nesse sentido, o saber histórico é também uma ficção controlada pelas fontes, uma narração de fatos verossímeis expostas através de um estilo pessoal de escrita. A probabilidade de veracidade, calcada em métodos científicos, fornece uma versão dos fatos digna de crédito, mas que, ainda sim, constitui-se como uma dentre as muitas e infinitas alternativas de explicação do passado. Neste sentido, essa reconstrução é tarefa do presente, a partir dos pressupostos teórico-metodológico inerente a cada

temporalidade, das experiências e emoções vivenciadas, aliada à imaginação e criatividade.

Ao iniciar uma pesquisa científica, o percurso escolhido, entre tantos possíveis é o que determina o sucesso do trabalho, a opção que o pesquisador realiza em relação ao quadro teórico-metodológico para determinada situação prática do problema levantado é que possibilita a continuidade da escrita. Sendo assim, o método existe para auxiliar a construção de uma determinada representação adequada das questões a serem estudadas e o responsável pela operação desse método é o indivíduo do conhecimento, que se torna sujeito e objeto da investigação.

O pesquisador deve iniciar o seu fazer pelo *fato*, pelo dado empírico, destituindo-se de todo o arcabouço teórico e se fixar no seu artefato, como coloca o Paul Feyerabend

A idéia de conduzir os negócios da ciência com o auxílio de um método, que encerre princípios firmes, imutáveis e incondicionalmente obrigatórios vê-se diante de considerável dificuldade, quando posta em confronto com os resultados da pesquisa histórica. Verificamos, fazendo um confronto, que não há uma só regra, embora plausível e bem fundada na epistemologia, que deixe de ser violada em algum momento. Torna-se claro que tais violações não são eventos acidentais, não são resultado de conhecimento insuficiente ou desatenção que poderia ter sido evitada. Percebemos, ao contrário, que as violações são necessárias para o progresso. (FEYERBERAND, 1978, p. 387.)

Entendendo o documento como uma escrita carregada de significados ideológicos, passível de sobreposição de valores éticos e relativos ao posicionamento crítico do pesquisador, a fim de reconstruir uma narrativa de verossimilhança com uma versão o mais aproximada do real acontecido, é que nos colocamos diante dos materiais selecionados para a confecção da pesquisa. Como se pronuncia Sandra Jatahy Pesavento, essa é uma relação que se estabelece no campo da proximidade e não da veracidade.

Na reconfiguração de um tempo - nem passado nem presente, mas tempo histórico reconstruído pela narrativa - face à impossibilidade de repetir a experiência do vivido, os historiadores elaboram versões. Versões plausíveis, possíveis, aproximadas, daquilo que teria se passado um dia. O historiador atinge pois a verossimilhança, não a veracidade. Ora, o verossímil não é a verdade, mas algo que com ela se aparenta. O verossímil é o provável, o que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação, portanto. (PESAVENTO, 2003, p.54)

Nas últimas décadas percebe-se uma ampliação da noção de documento histórico. O alargamento da concepção de fonte possibilitou ao pesquisador um acréscimo às possibilidades investigativas, o que requer, como consequência, uma reflexão e problematização dessas alternativas.

A prática historiográfica contemporânea rendeu-se aos encantamentos de caminhos outros, aboliu a rigidez de seu discurso e compreendeu a necessidade de abarcar em sua escrita os inúmeros registros do homem no tempo. Nessa jornada, diversos materiais passam a ser utilizados, dentre eles, o uso de imagens, das narrativas orais, do discurso musicado, dos romances gráficos, e de uma infinidade outra de temas e recortes.

Destarte, a importância do olhar é o primeiro passo para uma jornada que se propõe a investigar o *outro*. Um olhar que o pesquisador direciona aos seus interlocutores, entender a realidade circundante a partir de suas experiências, perceber as imagens que estão além do apenas visto, ou mostrado, compreender o sentido que perpassa a imaginação. Um olhar que pretenda captar as nuances, as emoções, as pausas, o dito e o não dito, o visível e também o invisível, não menos importante, mas que necessitará de uma sensibilidade mais aguçada para se tornar perceptível.

Compreender o *outro* e as múltiplas realidades que nos cercam se faz em contato com as experiências, percursos individuais que moldam nossas visões de mundo, que levam a uma necessidade de ampliação da tolerância, de abrangência dos campos de diálogo e de conflito, de *entre-lugares*. (BHABHA, 1998, p. 05).

Um momento que torna possível a experimentação e reflexão sobre as inúmeras possibilidades e posições de um mesmo sujeito, ou de sujeitos diferentes, permitindo novas relações com os espaços, “felizmente, a maioria de nós é capaz de ver com os ouvidos, de ouvir com o cérebro, com o estômago e com a alma. Creio que vemos com os olhos, mas não exclusivamente.” . (JARDIM e CARVALHO, 2001.).

Inscritos nesse posicionamento, de um olhar que se realiza como memória e história, a fim de ampliar o fazer metodológico de nosso ofício, o uso de diferentes discursos, aliado às sensibilidades, centra-se como basilar em nossa construção, nas diferentes formas possíveis de perceber o mundo.

Essa é uma relação que se estabelece em parceria com outros campos do saber, a história enquanto disciplina aliada à antropologia, sociologia, lingüística, filosofia, hermenêutica, e tantos outros diálogos possíveis, a fim de enxergar, ainda que longinquamente, o homem e sua amplitude existencial, seus embates e encontros, seus medos e desafios, seus momentos de revolução e suas estratégias cotidianas, enfim, uma ciência do homem no tempo, e que contribui com positivas e animadoras interpretações.

Recebido em: 23/10/2010

Aceito em: 20/12/2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Alarcon. *Michel de Certeau e a operação historiográfica*. VEREDAS FAVIP, Caruaru, Vol. 1, n. 02, p. 48–56, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.veredas.favip.edu.br/index.php/veredas/article/viewPDFInterstitial/19/17>. Acessado em 12 de fevereiro de 2010.

BARROS, Jose de assunção. A História cultural e a contribuição de Roger Chartier. Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 09, nº 01, 2005.

BHABHA, Homi K. “Introdução - Locais de cultura” In: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço, Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão de Arno Vogel. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro. Graal, 1986.

FAYEBERAND, Paul. *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

JARDIM, João e Carvalho, Walter. *Janela da Alma*. [filme-vídeo] Direção de João Jardim e Walter Carvalho, Brasil, 2001, 1 cassete VHS / NTSC, 73min. color. son.

KUYUMJIAN, Marcia de Melo Martins e NEGRÃO DE MELLO, Maria Tereza. (orgs.) *Os espaços da história cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. 3º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.